



Os mapas cognitivos da ocupação da reitoria da USP construídos pela revista *Veja*¹

Dennis de Oliveira²

Universidade de São Paulo

Resumo

Entre maio e junho, alunos ocuparam a reitoria da Universidade de São Paulo como parte da luta contra decretos do governo estadual que retiraram a autonomia universitária. Junto a este fato, funcionários e professores fizeram uma greve que incluía tanto reivindicações salariais como a defesa da autonomia universitária. Neste período, a revista *Veja* fez uma cobertura do fato usando e abusando de adjetivos desqualificatórios do movimento praticamente criminalizando-o. Este trabalho analisa esta cobertura da revista deste que foi o maior movimento da universidade nos últimos anos utilizando as referências da teoria do jornalismo para demonstrar que o discurso de *Veja* mais que construir mapas cognitivos para os seus leitores, utiliza a tática do medo como forma de afastá-lo mais da participação no debate público.

Palavras-chave

Processos Mediáticos e Culturais

Jornalismo e sociedade

Jornalismo e Movimentos Sociais

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Jornalismo, Santos, 2007.

² Dennis de Oliveira é professor do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP, mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, instituição onde também se graduou como jornalista. É líder do Grupo de Pesquisa Processos Mediáticos e Culturais e coordenador do Centro de Estudos Latino-Americanos de Cultura e Comunicação (Celacc/USP). E-mail: dennisol@usp.br



1. Introdução

A revista *Veja* é a maior do país com tiragem que supera 1 milhão de exemplares e considerada uma das quatro maiores do mundo. Além da inegável liderança que exerce no segmento de revistas, a *Veja* ainda se beneficia da sua *durabilidade* uma vez que ela é encontrada na maior parte das salas de espera de consultórios, salões de beleza, entre outros; e também pelo prestígio que conseguiu junto aos demais órgãos de imprensa, pautando, principalmente com as suas denúncias de escândalos políticos, a agenda dos principais jornais diários do país principalmente nas edições dominicais destes.

No dia 23 de outubro de 2006, por exemplo, a revista *Veja* denunciou que existia, na Polícia Federal, uma operação para abafar a investigação do escândalo da compra do suposto dossiê anti-tucano, denúncia que não foi comprovada, foi até criticada pelo então *ombudsman* da Folha de S. Paulo, Marcelo Beraba, mas mesmo assim pautou a edição de domingo do jornal. Em carta enviada ao jornalista Marcelo Beraba sobre porque a Folha de S. Paulo repercutiu esta denúncia, ele afirmou que “não tinha como responder estas questões e deveriam ser dirigidas à própria Folha”.³

Assim, o poder da revista *Veja* se manifesta pelo seu *alcance* (tiragem de 1 milhão de exemplares), *prestígio* particularmente junto aos formadores de opinião e ao mundo jornalístico e *durabilidade*, que faz permanecer por durante tempo considerável a sua agenda da edição.

A representação que a revista *Veja* faz da realidade tem grande impacto no debate na esfera pública a ponto da mesma se considerar como a defensora dos interesses da sociedade, chegando muitas vezes a uma certa arrogância. Isto fica demonstrado quando a publicação se vê no direito de criticar, e até mesmo desqualificar determinadas atitudes do governo e ainda sugerir soluções para determinados problemas do país. Neste sentido, acaba tendo uma atuação semelhante a um partido político, como se tivesse um mandato de representação de setores sociais conservadores.⁴

O diretor de redação do periódico, Eurípedes Alcântara, declarou em entrevista ao jornal “Ponto Final” que a “*Veja* é grande, é arrogante, diz o que pensa”⁵. Na mesma entrevista, o jornalista detona o conceito de objetividade e neutralidade e assume a condição de ser um orientador do leitor. A arrogância da revista que dirige vem da sua

³ Ver no blog *Jornalismo Ético e Cidadão* (http://dennisoliveira.zip.net/arch2006-10-22_2006-10-28.html#2006_10-27_19_52_18-2365912-0), acessado em 05/06/2007 às 17h28

⁴ OLIVEIRA, Dennis, MAIA, Marta. *Revista Veja: o temor como mecanismo conservador na esfera pública midiaticizada* in: Revista Comunicação e Cultura. Vol. I. n. 01, 2006. Piracicaba: GPMC, 2006

⁵ Entrevista concedida ao jornal *Ponto Final*, suplemento especial do Jornal de Piracicaba de 10/12/2005



posição que lhe daria a legitimidade para agir desta forma. Temos aí a idéia de Perseu Abramo que afirma que os órgãos de imprensa...

“oscilam entre se auto-suporem demiurgos da vontade divina ou mandatários do povo, e confundem o consumo dos seus produtos ou o índice de tiragem ou a audiência com o voto popular depositado em urna.”⁶

A revista *Veja* é voltada para um público formado basicamente pela classe média do eixo Rio-São Paulo para quem oferece um produto que combina lampejos de consumismo (mais de 2/3 do total da revista é ocupado por anúncios, a maior parte de serviços e produtos destinados a classes média e média-alta) com sensação de informação de qualidade (dada, principalmente, pela plasticidade do produto, cuidado com a diagramação e uso de elementos visuais).

Com isto, consegue formar um *campo de interação* em que os processos de trocas comunicacionais se dão pelo oferecimento de sugestões de consumo e sensações de bem informado necessárias ao *ethos* de uma pequena-burguesia urbana. Ao mesmo tempo, as suas posições se baseiam na disseminação do medo da perda de determinadas conquistas por meio de inimigos que vêm de meios estranhos e que atuam de forma incompreensível, irracional, despreparada e irresponsável.⁷

2. Opinião pública e jornalismo

Para esta análise de como a revista *Veja* tratou o caso da ocupação da reitoria da USP pelos alunos no mês de maio de 2007, utilizaremos os conceitos de formação de opinião pública de Walter Lippmann, particularmente a idéia do autor do poder dos meios de comunicação têm para que os cidadãos construam seus mapas cognitivos.

Na obra *Public Opinion*, Lippman afirma que:

“O centro da minha argumentação é que a democracia no seu formato original nunca enfrentou seriamente o problema da opinião pública porque a imagem na mente das pessoas nunca é exatamente o que acontece no mundo externo.”⁸

Com esta passagem, Lippman afirma que o modelo tradicional da democracia que considera a opinião pública como uma simples somatória das opiniões individuais construídas “livremente” não corresponde a verdade, porque a opinião pública é construída a partir do conhecimento da realidade, onde atuam os chamados “mapas

⁶ ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003 p. 46

⁷ Ver OLIVEIRA, Dennis, MAIA, Marta, *op cit*. Nesse texto, os autores demonstram como a ação do governo Lula, movida pelo despreparo, incompetência e imoralidade poderiam por risco a governabilidade do Brasil.

⁸ LIPPMANN, Walter. *Public Opinion*. New York: Free Press, 1997



cognitivos”. No capítulo I de *Public Opinion*, intitulada “O mundo exterior e a imagem em nossas mentes”, Lippmann afirma que o mundo é demasiado vasto e complexo para que os seres humanos, no geral, o conheçam de forma direta. Assim, os seres humanos só podem conhecer “indiretamente” o ambiente em que vivem.

“O único sentimento que pode experimentar uma pessoa sobre um fato não vivido, é o sentimento que desperta nela a imagem mental que se faz deste fato”.⁹

Diante de um contexto cultural em que há uma tendência à guetização da sociedade, movido, entre outras coisas, a uma fragilidade das relações humanas, fragmentação do espaço público e esgarçamento das normas regulatórias, traços que caracterizam o momento da modernidade-líquida, conforme afirma o sociólogo polonês Zygmunt Bauman¹⁰, a possibilidade do não vivenciar um fato é muito maior ao mesmo tempo que a circulação de informações se intensifica. Por isto, a pressão por um sentimento de experiência centrado na imagem mental construída por este fato e não pela vivência do fato em si é muito maior no atual momento.

Lippmann divide sua clássica obra em sete partes, além da introdutória já citada: *Uma aproximação ao mundo exterior, Estereótipos, Interesses, Making-of de uma terra comum, A imagem da democracia, Jornais, Inteligência Organizada*. Neste último capítulo, Lippmann defende um trabalho articulado da inteligência para que a política seja elaborada por motivos racionais ainda que aconteça dentro de um mundo irracional. A inspiração filosófica de Lippmann é Platão quando este critica a democracia ateniense ao observar que os seres humanos apenas conhecem a “aparência” das coisas e não a sua essência (como no mito da caverna, em que homens acorrentados apenas vêem sombras). A aparência de Platão e a imagem nas mentes de Lippmann se aproximam como categorias centrais para comprovar a impossibilidade de uma emancipação geral e correspondente autonomia do ser humano.

Chomsky¹¹ cita que esta perspectiva de Lippmann, particularmente a “solução” que ele aponta de que é necessária uma classe de “especialistas” para dirigir o “rebanho confuso” (*bewildered herd*) é, na prática, a comprovação de que a democracia liberal não existe. O lingüista norte-americano afirma que a democracia a la Lippmann reserva a maioria da sociedade apenas e tão somente o papel de aclamação ou, no limite, de

⁹ LIPPMANN, Walter, *op cit*

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar

¹¹ CHOMSKY, Noam. *Media control: the spectacular achievements of propaganda*. N.Y: Seven Stories Press, 2002



escolha entre opções já previamente definidas pela classe de especialistas. Esta aclamação ou referendo teria o mero papel de legitimação da classe de especialistas, ou a inteligência organizada proposta por Lippmann.

“Those others, who are out of the small group, the big majority of the population, they are what Lippmann called “the **bewildered herd**.” We have to protect ourselves from the trampling and rage of the **bewildered herd**. Now there are two functions in a democracy: The specialized class, the responsible men, carry out the executive function, which means they do the thinking and planning and understand the common interests. Then, there is the **bewildered herd**, and they have a function in democracy too. Their function in a democracy, he said, is to be spectators, not participants in action. But they have more of a function than that, because it's a democracy. Occasionally they are allowed to lend their weight to one or another member of the specialized class. In other words, they're allowed to say, “We want you to be our leader” or “We want you to be our leader.” That's because it's a democracy and not a totalitarian state. That's called an election.”¹²

Trazendo esta discussão para o campo do jornalismo, Felipe Pena¹³ afirma que no jornalismo há uma esfera do consenso, uma da controvérsia admitida e outra do desvio. A esfera do consenso reflete as idéias hegemônicas da sociedade o que configura o jornalismo como um instrumento disseminador das ideologias hegemônicas. Entretanto, esta unicidade hegemônica comporta um certo grau de conflitos (a esfera da controvérsia admitida) que é, justamente, este espaço do referendo, da legitimação democrática de que fala Chomsky, são as controvérsias que não abalam sistemicamente a esfera do consenso. E, finalmente, a esfera do desvio que comporta as perspectivas que abalam a esfera do consenso e que, portanto, ou são ignoradas, criminalizadas ou tratadas de forma que as deslegitimem a entrar no espaço do “ágora” midiático.

3. A ocupação da USP via revista *Veja*

Em 3 de maio de 2007, a reitoria da Universidade de São Paulo foi ocupada por estudantes que lutavam pela revogação de cinco decretos baixados pelo governador estadual José Serra (PSDB) que, segundo eles, afetava a autonomia administrativa da instituição, garantida por lei. Os estudantes exigiam um posicionamento da reitora da USP, Suely Vilela, que naquele dia havia marcado uma audiência com os representantes estudantis e não tinha comparecido ou enviado um representante. Como forma de pressionar a reitoria a tomar uma posição quanto ao decreto, os estudantes ocuparam as

¹² CHOMSKY, Noam. *Media control: the spectacular achievements of propaganda*. N.Y: Seven Stories Press, 2002, p. 17

¹³ PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2006



dependências da reitoria e entraram em greve, no que foram seguidos pelos funcionários técnico-administrativos e docentes.

Houve uma preocupação dos estudantes que ocuparam a reitoria em não passar a imagem de baderneiros, tanto é que foi montada uma complexa organização que tratou desde a manutenção da limpeza e ordem nas dependências da reitoria, como também uma comissão de comunicação responsável tanto pela divulgação dos acontecimentos para a sociedade como para o trato com a grande imprensa.

Apesar dos cuidados, foi praticamente unânime nos grandes veículos de jornalismo a condenação à ocupação da reitoria. A idéia de uma *ruptura com a ordem* foi o elemento transversal que permeou a maior parte dos comentários e mesmo a cobertura dos grandes jornais. Entretanto, de todos os veículos de comunicação, o mais duro nas críticas foi a revista *Veja*.

No período de 3 de maio a 6 de junho, a revista *Veja* publicou as seguintes matérias sobre a ocupação:

- *Estão brincando com fogo* (30/05)
- *A lei, ora a lei* (30/05)
- *O deboche dos privilegiados da USP* (30/05)
- *No caminho certo* (16/05)

Além disto, no site da revista (<http://www.veja.com.br>) há um especial da USP com o chapéu “Perguntas e respostas” e título “A crise na USP”. Este material no site é aberto a todos, mesmo os não assinantes da revista e se propõe, a partir da síntese das matérias publicadas na revista, apresentar um “resumo histórico” do assunto. Ao lado, além de links para as matérias publicadas (cujo acesso é restrito aos assinantes), há também um link para o blog do comentarista Reinaldo Azevedo, ex-editor da extinta revista “Primeira Leitura”, pertencente ao ex-ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, Luiz Carlos Mendonça de Barros. A página também apresenta um link para o site da USP e para uma outra página com os decretos do governador Serra. Sites das entidades representativas de estudantes, professores ou funcionários ou mesmo o blog da ocupação são ignorados e não citados nem mesmo no corpo das matérias on line.

Analisando as matérias publicadas na edição impressa e no site, agrupamos as adjetivações e qualificações associadas aos atores do fato para desvendar como a revista construiu sua lógica argumentativa.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: prestigiosa instituição, das mais concorridas, orgulho e patrimônio dos paulistas, cursos cinco estrelas, conhecimento

O FATO DA GREVE E OCUPAÇÃO: drama, baderna, crise, pode transformar a USP em terra de ninguém, depredação, obscurantismo, praga do corporativismo

ESTUDANTES QUE OCUPARAM: bando, minoria inexpressiva, menos de 0,5% do total, arruaceiros, somente da FFLCH e da ECA, rebelados, oportunistas, militantes de partidos de esquerda

REIVINDICAÇÕES: sem foco definido, oportunistas, corporativistas, absurdas, extensas

DOCENTES e FUNCIONÁRIOS: aproveitadores do movimento dos estudantes, pegaram carona, desrespeitam o direito dos estudantes que querem aulas

GOVERNO: ações desencontradas e desinformadas, mal entendidos, vacilante, administrador, moralizador.

O discurso da revista *Veja* insere a instituição USP dentro da *ordem estabelecida* e demonstra a sua legitimidade pela sua qualidade. É um patrimônio, na visão da revista, porém um patrimônio sem *atores*, pois ao mesmo tempo que qualifica a instituição, desqualifica os seus componentes (professores, alunos e funcionários). Há uma fetichização da USP que se apresenta como algo “acima” de tudo e de todos. Os dirigentes não são defendidos pela revista que qualifica as ações do governo de “desencontradas” e “mal-entendidos”.

A reitora da USP, Suely Vilela, é retratada na edição do dia 30/05 da *Veja* SP de forma extremamente machista – na ótica de que mulher é o protótipo das que aparecem nas revistas femininas na *Abril*, o perfil da reitora destaca que ela é “ vaidosa, gosta de acordar cedo para fazer escova, faz musculação e esteira e gosta de vestir roupas combinando”. Ainda nesta toada, a revista ainda lembra que a reitora gosta de Roberto Carlos e filmes melosos, tem coração mole. Por esta razão, a revista conclui que, na atual crise, ela se porta mesmo como “mãe de crianças peraltas”. Não há nenhuma informação do perfil acadêmico ou político da reitora, informações que seriam mais relevantes para retratar um ocupante de cargo público.

Já o secretário Pinotti, um dos pilares do problema, tem um perfil voltado a sua vida pública e com falas que retratam sua posição perante a crise. É transformado em um ator político (ao contrário da reitora, retratada como uma “mãezona” em um sentido pejorativo, de despreparo para lidar com situações como estas mas realçando aspectos femininos como elementos deste despreparo) e o texto é extremamente favorável,



inclusive com projetos ou promessas do secretário. Ainda no campo do governo estadual, o governador Serra, primeiramente, foi tratado como “moralizador” e “administrador” e que está no “caminho certo” (título da primeira matéria publicada no dia 16 de maio). Com o crescimento do movimento, a revista *Veja* passou a tratar a entidade “governo” (despersonalizando do nome de José Serra) como praticante de maus entendidos, confusões, entre outros. Em outras palavras, o governo estadual, para a revista, teve “uma boa idéia” mas não teve competência de “transmiti-la”. (o que motivou o crescimento do movimento)

O fetiche-USP está dentro da perspectiva de uma ordem a ser mantida (o que demonstra a visão conservadora da revista), atores e atitudes que atentem a esta ordem são colocados na esfera do desvio. Há uma combinação de criminalização dos atores com ofensas, nas quais se resvala até mesmo o preconceito. Em matéria publicada na *Folha de S. Paulo*, a jornalista Laura Capriglione compara as ocupações da reitoria de agora com a de 1982 (25 anos atrás) e, entre as diferenças mais marcantes, ela notou a presença maior de estudantes negros e pobres agora, demonstrando uma pequena, mas real, abertura da universidade para outros segmentos sociais.

Além da recorrente idéia de baderneiros, arruaceiros, bandos que leva a idéia de vandalismo – note-se aí que a desqualificação se dá tanto pela condenação do comportamento como também pelo fato deste se articular fora de uma perspectiva de organização tolerada, daí a idéia de bando e de falta de “foco” nas reivindicações, o que retiraria qualquer seriedade do movimento – no blog do comentarista Reinaldo Azevedo, há uma enquete que chama os ocupantes da reitoria de “remelentos”, no abre da matéria do dia 30/05 na *Vejinha*, há destaque para a “fedentina” nos banheiros da reitoria, o chão “ensebado” e chamava de “provocação bobinha” a transformação da palavra “reitoria” na fachada do prédio em “rei”. Assim, há uma combinação de *preconceito social* com a qualificação de *infantilidade* que, contrastando com o fetiche-USP, aponta para uma idéia de que tais pessoas são “indignas” de frequentarem a maior instituição do saber do país.

As idéias centrais que movem a cobertura da revista podem ser percebidas com mais facilidade no texto aberto no site intitulado “A crise na USP”. Usando o artifício que resvala o autoritarismo de um tom professoral de perguntas e respostas (feitas pela própria revista), *Veja* define o que é autonomia, responde que os estudantes “invadiram” a reitoria por uma pauta de reivindicações estudantis desarticulada e oportunista e que os decretos de Serra não ferem a autonomia. Com relação a esta última afirmação, a



fonte de sustentação da *Veja* foram as falas das autoridades governamentais que “prometeram” que os decretos não irão ferir a autonomia que as universidades já gozam hoje. A revista, porém, não faz nenhuma reflexão sobre então o porquê dos decretos do governo e nem tampouco se preocupou em ouvir as lideranças dos movimentos para apresentar um painel mais amplo do fato.

4. Considerações finais

A revista *Veja* representa o ideário de uma classe média conservadora que, temerosa de perder a sua condição social e que tende cada vez mais a se guetificar e abandonar o espaço público, necessita de *drops* informativos para se manter atenta, ainda que tenuamente, ao que está acontecendo fora dos seus domínios. Para manter a sua condição de representante destes setores e ainda ter o monopólio da construção dos mapas cognitivos de que fala Lippmann, a revista reforça a idéia de não participação destes segmentos reforçando o temor. Daí a criminalização e um discurso que resvala o terrorismo quando se retrata movimentos que, de uma forma ou de outra, questionam elementos da ordem hegemônica. *Veja* transforma o seu conjunto de leitores de *bewildered herd* (rebanho confuso) em *scared herd* (rebanho apavorado).

A ação da *Veja* tem como objetivo controlar a ação notoriamente pendular da classe média, ação esta explicada por Petras:

El comportamiento político y social de la clase media se determina por su posición e intereses en la escala de clases y el contexto políticoeconómico al que se enfrenta. En el contexto de un régimen de derecha de economía creciente, créditos baratos e importaciones de bienes de consumo a bajo precio, la clase media es atraída por la derecha. En el contexto de un régimen de derecha en una grave crisis económica, la clase media puede ser parte de un amplio frente popular para intentar la recuperación de su pérdida de la propiedad, ahorros y empleos. Cuando hay un gobierno popular antidictatorial y antiimperialista, la clase media apoya las reformas democráticas pero se opone a cualquier radicalización que iguale sus condiciones con las de la clase trabajadora.¹⁴

Percebemos esta oposição a qualquer radicalização particularmente nas matérias do final de maio e início de junho da revista que, diante do crescimento do movimento de estudantes, professores e funcionários e, conseqüentemente, ao desgaste do governo estadual, passou a criticar o Executivo do estado por uma suposta falta de competência

¹⁴ PETRAS, James. *Latinoamérica: La clase media, los movimientos sociales y la izquierda* in: *Rebellion* (<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=51853>) acessado em 14/06/2007, às 11h28

em comunicar suas reais intenções. Com este discurso, a *Veja* endossou a forma que os membros do governo estadual passaram a encarar o movimento como um problema de interpretação do conteúdo dos decretos, tanto é que, em meados de junho, o governador baixou um “decreto declaratório” para “esclarecer a interpretação correta dos decretos anteriores”. De qualquer forma, independente da posição da *Veja* com relação ao conteúdo dos decretos, fica claro a sua ferrenha oposição ao que Petras chama de “radicalização”.

O conservadorismo da revista também transparece nas suas manifestações preconceituosas de caráter social, racial e de gênero, expressas de forma mais direta ou indireta nas referências aos alunos que ocuparam a reitoria (descritos pela jornalista Laura Capriglione como de extratos mais populares que em 1982, quando a reitoria também tinha sido ocupada) e à reitora Suely Vilela, cujo perfil retrata a idéia machista de uma mulher incapaz, por atributos ditos como tipicamente femininos, de dirigir a maior universidade do país. Assim, a revista reforça no imaginário a idéia de que o fato do totem USP ser ocupado por pessoas pobres e dirigido por uma mulher acabou gerando esta crise.

As instituições componentes da ordem hegemônica são fetichizadas, como foi o caso da USP. Elas são retiradas do seu contexto e do constante nível de tensão em que elas estão inseridas, de forma que elas se apresentam como produtos de ação *não humana*, como uma coisa em si, um totem. Qualquer ação, por mínima que seja, que recoloca instituições como resta dentro de um espaço de contradições é duramente criticada pela revista que, freqüentemente, resvala para a arrogância ao tratar tais atores como despreparados, infantis, oportunistas, vândalos e outros adjetivos de desqualificação pessoal.

Por isto, a revista não estabelece e sequer reconhece qualquer debate sobre perspectivas para a universidade – ainda que ela tenha uma posição a respeito disto. Fetichizando a instituição, ela é retirada do espaço da *polis*, despolitizando qualquer discussão. Assim, nesta ótica, os atores que derrubaram o totem só podem ser caso de polícia, pouco adiantando todos os cuidados que, neste episódio, os ocupantes tiveram em não passar uma imagem de baderneiros.

O discurso do medo além de transformar o “bewildered herd” em “scared herd” cumpre o papel de reforçar ainda mais a guetificação da classe média, a sua despolitização e, como resultado disto, reforçar a delegação à instituição *Veja* de ser não



só o seu fornecedor dos drops informativos mas se comportar como o seu legítimo representante no espaço público.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003

BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

CHOMSKY, Noam. *Media control: the spectacular achievements of propaganda*. N.Y: Seven Stories Press, 2002

LIPPMANN, Walter. *Public Opinion*. New York: Free Press, 1997

OLIVEIRA, Dennis, MAIA, Marta. *Revista Veja: o temor como mecanismo conservador na esfera pública midiaticizada* in: Revista Comunicação e Cultura. Vol. I. n. 01, 2006. Piracicaba: GPMC, 2006

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2006

PETRAS, James. *Latinoamérica: La clase media, los movimientos sociales y la izquierda* in: Rebelion (<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=51853>) acessado em 14/06/2007, às 11h28